

CESTA DE MEMÓRIAS

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA



PARTICIPAÇÕES

Anabelle Loivos, Ana Paula Maciel Vilela, Andressa Barroso, Angela Quintieri, Antônio Francisco Alves Neto, Celina Rozenblum Lefelman, Cristiano Mota Mendes, Evelyn Kligerman, Fernando Queiroz, Jiddu Saldanha, Claraemes, Marianí Guimarães, Maristela Fontes Figueiredo, Roseana Murray

Apresentação



Para fechar o ano de 2021, nós, os habitantes leitores da Casa Amarela, decidimos escrever.

Escrever uma homenagem a alguém da família que já tenha se mudado para as estrelas.

Escolhi o título "Cesta de Memórias", porque pensei em tantas variedades maravilhosas de cestas e afinal, pensei em enchermos essa cesta com essas pessoas que vivem para sempre dentro de nós.

O Clube de Leitura é um ponto mágico de encontro, de livros, saberes, amor.

Se olhássemos a Terra do alto, o nosso Clube de Leitura brilharia, em amarelos e azuis.

E finalmente, Jiddu K.Saldanha, nosso leitor, ator, mímico, poeta e artesão de livros digitais, trançou o E Book.

É uma nova experiência coletiva que propus ao Clube e motivo de grande felicidade.

22 de Dezembro, Saquarema, início do verão.

Roseana Murray

Carta ao Vovô Edmundo.

(Anabelle Loivos)

Cantagalo, 15 de agosto de 2003.



Querido Vovô,

Sim, já jogamos canjiquinha para os passarinhos no telhado. E eles continuam vindo aos montes buscar o alimento que lhes espera, todas as manhãs. Como nós, sentem saudades de você, de sua voz, de seu jeito de assoviar para eles. Como nós, continuarão a procurar por você – na varanda, na sala, ou até em cima do telhado...

Fechamos a água, todas as noites, como você pediu. As ligações que você fez e as torneiras que você engenhou continuam funcionando perfeitamente. A água continua a correr, apesar do enferrujado do encanamento e da falta de sua mão habilidosa para o socorro hidráulico.

O jornaleiro continua a entregar o vespertino na hora do café, com as novas que você decerto gostaria de comentar. No dia em que você partiu, discutia-se a reforma da Previdência e os jogos Pan-Americanos. Para nós, a notícia estranhamente mais dolorosa e gostosa – e que com certeza foi manchete na tribuna celeste – foi a de que o Seu Edmundo Silva era recebido com honrarias angelicais na porta do céu...

Arrumamos seus perfumes, roupas e sapatos, seus documentos e suas lembranças, com o cuidado de quem lustra cristais, e o faz com a sensação da presença do seu olhar cristalino – grandes olhos pardos, de gente da casa lusitana. Ficarão perfumando e enfeitando nossos dias, ainda mais um pouco, até que se “desprendam” de nós e possamos, então, fazê-los úteis a outrem.

Sim, seus objetos de trabalho – pás, enxadas, peneiras, latas de tinta e ferramentas em geral – foram devidamente arrumados e guardados no “quartinho”. Demos falta do seu “mata-mosquitos”, mas já, já o encontraremos para continuar a divertida brincadeira da “caça” aos pequenos insetos, que você adorava promover nos quentes verões cantagalenses... Já consertamos o pé da máquina de lavar, e até lixamos e pintamos de novo o lugar que começava a dar uma pequena infiltração. Lavamos a rede da sua soneca de todas as tardes. Vamos pendurá-la no lugar de sempre, porque precisaremos dela para embalar nossos sonhos – tantos, que você ajudou a plantar e a colher.

Sim, sua horta está limpa e capinada, pronta para a próxima estação – de taioba, mamão, abóbora, aipim, cebolinha, erva cidreira, saião, limão e laranja. Como diria o poeta, “se não houver frutos, valerá a intenção da semente”... Deixamos por perto as suas sandálias havaianas brancas, como que para termos a certeza de que seus pés caminharão conosco, ainda que de outra forma, mas marcando de ternura e generosidade os nossos passos. Você, que foi ecologista muito antes de isto ser “politicamente correto”: amigo dos pássaros, dos animais e das plantas, franciscanamente...

A sua Nossa Senhora da Rosa Mística continua sobre a cômoda, “bonita como as minhas netas”, como você gostava de se referir a ela. Os seus relógios de pulso estão na gaveta da sua mesinha de cabeceira, e voltam ambos a funcionar quando a gente os aperta entre os dedos e os balança, como você fazia... Remédio pra desentupir nariz, lenço cor de vinho, pente de cabelo e vários pedacinhos de papel também continuam lá, quem saberá o que você pretendia fazer com estes, especialmente? Pedacos de papel, histórias em pedaços, corações despedaçados... Ainda vamos usá-los para escrever os tantos “causos” da Leopoldina que você nos contava!

Sim, continuaremos nos reunindo todos os sábados na sua casa, para fazer aquela “boquinha” no café da tarde, com pão, broa de milho e o leitinho especial que você sempre carinhosamente nos oferecia, e inevitavelmente tínhamos de aceitar – uma, duas, três vezes! E ficaremos nos lembrando de sua fala mansa e pausada, sempre entremeada com a charmosa expressão “de maneira’s que...” – até a gramática lhe fazia tal concessão, em face de tamanha verdade em suas palavras –, seguida de uns cruzares de pernas e braços que eram todos seus. Rememoraremos os apelidos carinhosos por que nos chamava – “Titiz”, “Maizé”, “Badai”, “Gina”, “Céa” e tantos outros... E teremos sempre o toque das suas mãos fortes e brandas, em tudo, porque elas estarão para sempre lá, em cada cantinho (cores, paredes, azulejos, calhas...), como testemunho de uma vida que não se viveu em vão.

E no vão das coisas que não houve tempo de lhe dizermos, estaremos seguros da sua voz amiga, paterna, repleta de dignidade, amor e doação pelos que lhe eram próximos – e até os distantes. Ouviremos em nossos corações o silêncio da sua luta pela vida, e aprenderemos com ela. A indefectível camiseta branca por debaixo da camisa social; a barba sempre bem feita, duas vezes ao dia; o rosto liso, apesar dos 88 anos; o cheiro bom de quem parecia estar sempre saindo do banho, enfim, o prazer de estar vivo e ativo, fazendo falar ao mundo o garoto que tinha dentro de si: “Tudo legal!”.

Sim, “o trem que chega é o mesmo trem da partida/ a hora do encontro é também despedida/ a plataforma desta estação/ é a vida deste meu lugar/ é a vida deste meu lugar/ é a vida...”. O trem que fez parte da sua vida apitou de novo, no último dia 11 de agosto, na plataforma do seu lar, que estava repleta de gente que lhe ama, muito. O comboio veio vindo, “por detrás das montanhas azuis”, esfumaçando nossas vidas, também. E, aí, você “pega o trem azul/ o sol na cabeça/ o sol pega o trem azul/ você na cabeça/ o sol na cabeça”... Desta vez, você foi o passageiro exclusivo, em classe nobre, com direito a acenos entre sorrisos e lágrimas. Temos certeza de que o “Maquinista” lá de cima o conduziu em paz até o seu destino, para o nosso conforto. O “barracão” de Cantagalo ficou mais vazio, mas a nossa saudade ficou mais cara. Obrigada por escolher chegar e partir daqui, de dentro-muito-dentro de nós.

Carinhosamente,

sua esposa, seus filhos e filhas, seus netos e netas, seus genros e noras, seus amigos ferroviários e demais familiares e admiradores.

A tormenta

(Ana Paula Maciel Vilela)

Carlos Henrique Vilela e Ignez Maciel Vilela.



Se agitado é o sono,
Se pela manhã, em desânimo e desalento, o corpo teima não se mover,
Avisto pela janela do quarto,
A tormenta.
Disfarçada atrás dos galhos do pinheiro,
Espreita.
A tormenta que se avoluma
Com ruídos, choros e desespero,
Silencia.

Em outro tempo
Tormenta irmã me alcançou,
Mesclada de memórias e risadas
Aos poucos, ruidosa se modificou.
Em tempos mais remotos
O som do salto do sapato,
Alto, no corredor
Passos apressados
O som da porta que fechou.

A rotina, não sabida, tão segura!
O carro cheio
Filhos e vizinhos
Em direção ao colégio
Conversas alegres
As aulas do dia, boas ou ruins
Intervalo, recreio, jogo na quadra, suor
Vida
A rotina. Não sabida. Saudosa.

Trabalho, trabalho e trabalho.
Assim traduzia-se
A importância de sua vida.
Ali esquecia os infortúnios,
Esquecia o dia a dia,
Esquecia as mágoas,
O casamento,
As traições,
O que almejava, mas não se atrevia.

E as horas passavam
Os dias eram vividos, envoltos
Em aulas, livros, cursos.
Os filhos iam crescendo
Com o cuidado de que nada lhes faltasse.
Nada.
Pouco ficava em casa
Atarefada entre a vida de professora e de estudante
Da faculdade chegava tarde.

Tempo para pensar?
Conversar?
Resolver as coisas?
Depois.
E o depois se transformou em dias
Meses, anos
Transformou-se em uma vida
E não deu tempo.
Tempo de ser feliz.

E quando as aulas foram retiradas,
Quando o que dava sentido à sua vida
Desapareceu,
Quando não mais precisava armar o despertador
Se arrumar, preparar o material
Tomar café com a família e ver todos no carro mais um dia,
Quando o ar lhe faltou,
Ficou mais fácil
Esquecer.

Passou, aos poucos, a não lembrar.
Confundia-se.
Repetia.
Até dos livros
Ah! Até dos livros já não queria mais saber.
Um dia me disse
“Das coisas ruins que vivi,
prefiro não mais lembrar”.
Mas, e das boas?

E o outono chegou
Hoje uma lua cheia linda ilumina tudo lá fora,
Mas uma nova tormenta é vista pela janela.
Ela se esconde atrás
Dos galhos do pinheiro.
O recolhimento se faz necessário.
Para nos refazermos em tempos de pandemia,
Tempo em que o mundo mudou,
Tempo da aprendizagem necessária que não acontece.

Quando observo a lua
Percebo a nova névoa que, aos poucos,
Se aproxima.
E em mim dói o estômago
Dói a cabeça
Dói o coração
E a angústia vem devagar
O sono fica inconstante
Inconstante como tudo

A fala dele é a mesma e me assusta:
“Prefiro esquecer as coisas ruins que já vivi”.
E penso, mas pai, e as boas?
Me aproximo da janela
Sinto a brisa se transformando em vento
O vento se fazendo vendaval
E em mim, fora do lugar os batimentos cardíacos,
A pressão arterial que, desorientada,
Procura aquietar-se.

A tormenta nos ronda.
A tormenta é o meu sufoco,
Uma vez mais.
Consultas, exames, testes, medicamentos.
A tormenta tem nome e parece querer abraçar ambos.
Enquanto um diagnóstico não é definido, os dias passam.
Ele levanta cedo, se arruma, vai para o sítio.
Ainda independente, cuida da sua vida,
Entre um esquecimento ou outro.

E rega suas plantas,
E sorri para as galinhas d'Angola
Enquanto o rodeiam para receber o milho.
Vai ao pomar
Apanha alguma fruta
Lava no tanque.
Habita seu corpo, sua casa
Sabe quem é.
Ele sabe quem ele é.

Enquanto a névoa se forma ao redor,
Os gorjeios, relinchos e mugidos, ouve.
Identifica. Avista no galho o pássaro preto de uma perna só,
Tão antigo por ali e pensa, serão mesmo?
Deitado na rede contempla as flores
Os hibiscos coloridos, os ipês
Todos plantados por ele.
Fecha os olhos e descansa
Pensando em sua vida.

Meu pai pensa no que vai fazer amanhã,
Enquanto a tormenta se aproxima.

Mãe da Gente

(Antonio Francisco)

Juracy de Freitas Alves!



Mãe da gente...
é como flor inocente
nos jardins a brilhar
seu perfume nos deixa calmos
como fragrância
a nos suavizar

mãe da gente...
nos protege do frio e nos agasalha... sei lá
nos leva no colo pra sempre
caminha conosco no ventre a nos embalar
reza pra gente dormir
e só dorme depois do chegar

caminha conosco nas asas
e com suas palavras nos torna donos da casa

mãe da gente
que faz leite quente
pra no caminho da vida darmos a luz
a outra vida
que é filho da gente e da gente será
e que escreverá de nós

mãe da gente...
é como flor inocente nos jardins a brilhar.

Mãe

(Andressa Barroso)

Vera Lúcia de Almeida Barroso



Mãe é amor
presença
saudades

Mãe é farol
porto seguro
luzeiro

Mãe é bússola
lanterna
cais

Mãe é oásis
deserto
miragem

Mãe é tão perto
tão longe
tão sempre...

A MAGIA DO ENCONTRO

(Angela Quintieri)

Salvador Quintieri



Foi muito bom escrever sobre uma pessoa que não conheci, mas que generosamente me deixou um grande presente: o meu pai. Eu falo de um avô que não conheci, pois nasci bem depois dele falecer. Mas de tanto ouvir o meu pai e os meus tios falarem dele, eu construí um avô muito vivo na minha imaginação e no meu coração.

Essa é uma história de amor com um sabor especial, que começa assim: Era uma vez um italiano de nome Salvador Quintieri que resolveu sair de sua terra Natal para começar uma nova vida em uma terra encantada muito comentada na sua bela Itália: o Brasil. E em 1896, com apenas 20 anos, ele veio para essa terra que "em se plantando tudo dá," trazendo numa caixinha secreta bem fechadinha, todos os seus conhecimentos de agricultura que não eram poucos, e também o seu coração e a sua alma. E prometeu a si mesmo que só a abriria quando aqui chegasse. Mas no navio ele acabou fazendo uma exceção e abriu a caixinha, apenas um pouquinho, pegando uma parte do seu coração e de sua alma para dar de presente à mulher da sua vida: a minha avó, que ele acabara de conhecer. A minha avó era uma imigrante portuguesa chamada Maria, que aceitou se casar com ele, tão logo chegassem ao Brasil. E assim aconteceu.

E a minha avó ficou a seu lado quando ele pode abrir finalmente aquela caixinha tão especial, pois acabou encontrando depois de tanta procura, a sua terra tão desejada. Era um pedaço enorme de terra que ficava em um bairro localizado numa cidade chamada Nova Friburgo. A minha avó testemunhou emocionada quando ele, ao abrir a sua caixinha tão especial, fez questão de espalhar e de compartilhar com seus vizinhos, amigos e com todos que o procuraram, tudo aquilo que havia guardado com tanto amor. As condições climáticas muito parecidas com as da sua Itália lhe deram ainda mais certeza, de ter encontrado a sua terra prometida que não manou somente leite e mel, mas diversas frutas, inclusive cerejas e flores de diversos tipos. Ele amou essa cidade, como se fosse (palavras dele), um pedaço da sua distante Itália. E nada o separou dela, nem mesmo quando trocou de lugar. O seu corpo físico encantou o solo friburguense.

Ufa! Termineeeeeei.
Quanta emoção estou sentindo.

Mas agora, gente linda, eu quero enviar um recado para ele.

Oi meu avô Salvador!
Acabei de contar um pouquinho da sua história para os meus amigos tão sensíveis de um Clube de Literatura. Com ela, tentei retribuir o melhor presente que você me deixou.
Obrigada.

MEU POEMA CUIDA DE MIM

(Celina Rozenblum Lefelman)



Saudades de minha mãe, Rosa, ou como eu a chamava Dona Rosa Zé Fofinha, falecida em 2008. Nessa foto de 2007, com minha filha Luana. Esse olhar carinhoso e único entre as duas sempre me emociona muito. Me lembra esse toque terno que escuto na poesia de Conceição Evaristo:



Meus pais nessa foto de 1984, comigo e meu filho primogênito, Gabriel. Feliz que meu pai pode conhecer Gabriel, meu pai faleceu no fim de 1984. Lembro de como ele caminhava pela casa com Gabriel nos braços . Com muito carinho e paciência.

Menina, eu queria te compor em versos,
cantar os desconcertantes mistérios que brincam em ti
mas teus contornos me escapolem.
Menina, meu poema primeiro, cuida de mim.

Aos 100 anos de Benzinho

(Cristiano Mota Mendes)

Benzinho Mota



Benzinho Mota nasceu no dia 3 de novembro de 1921. Nasceu no Axixá, pequena cidade do Maranhão. Mulher de Raimundo. Mãe de Mayra, Ronaldo, Hamilton e Cristiano. Minha mãe. Daria tudo, tudo, tudo, pra te ver cantando no auditório da Rádio Timbira, em São Luís, naquela tarde de 1938. Cantando Noel e Assis. Daria tudo pra te ver tomando banho de rio com as índias guajajaras. Não sei dizer o quanto te amo, te amei, te amarei. Só sei dizer que te amei no cetim da tua pele numa casinha dentro do meu coração. Benzinho, minha mãe, meu amor.

Lejbus Kligerman, meu Pai

(Evelyn Kligerman)



O que fazer com esse osso atravessado na garganta?

O que fazer quando o relógio das palavras não ditas para?

O que fazer quando o tempo teu deu um ponto final, e já não deu mais tempo de nada?

Não sei o que fazer.

Foram 31 anos de desencontro, porque eu não soube te ler.

Porque você trazia um oceano, e eu ainda não sabia nadar.

Aprendi a nadar tarde demais para que déssemos as mãos.

A rebeldia, teu mundo não era o meu, tua história não era a minha.

A jovem rebelde que fui, cheia de arestas, te arranhava e ficávamos os dois perplexos olhando pro nada.

E de repente, o tempo parou. E foi quando soube do meu imenso amor por você, e como foi difícil caminhar com esse vazio dentro de mim.

Como ainda é difícil.

Será difícil sempre.

Tua filha,

Evelyn Kligerman

O Silêncio que ecoa

Fernando Queiroz

Adelir Queiroz (Lili)



Mãe: a sua voz calou e o meu coração sangrou
Uma ferida incontida, um beco sem saída
Ausência presente em minha vida

Desespero outrora, imensurável saudade agora.
Como você está?

Por aqui o sol continua a brilhar e as montanhas estão nos mesmos lugares
E por aí, como é?
Preciso ouvir sua nova história

Mesmo com o meu jardim florido.
O coração continua partido
Está faltando uma flor

Por aqui o tempo passa
Às vezes meio sem graça
Apagam-se as luzes e, como mágica, Logo acendem
Mas aquela emanada da sua lembrança ilumina perenemente os meus dias

Como está você, minha flor?
Falta na pintura uma cor
E não faço a mínima ideia de como a compor
O remédio do tempo ainda não produziu o efeito em mim

Se me tiram o pão, sobrevivo
Aprendi a substituir uma necessidade por outra
Só não me ensinaram a viver sem você

Meus olhos estão fatigados de tanto chorar
Enquanto vejo cada ciclo passar
Só o que não passa é a vontade intensa: de vê-la, de senti-la, de beijá-la

Ah, os dias que não retrocedem
E assim me impedem de fazer o que deixei para depois
Ah, esta dor no peito.
O ar que me falta.
O chão que sumiu
E o pedaço de mim que partiu

Eu não paro de indagar: onde está você?
Está no ar que respiro?
Está na minha sombra?
Está no canto dos pássaros e no perfume das flores nos meus caminhos?

Tenho a esperança de novamente encontrá-la.
Como está você, meu amor?

Minha mãe

Jiddu Saldanha

Lindauro Saldanha



Minha mãe canta
sua canção de ninar
e me faz sonhar
por uma vida inteira

Saudade da sua voz
de sua mamadeira
e suas mãos fiandeiras...

Mãemãe
to aqui,
Rezando por ti
que sente esta dor
tão longe
de mim...

No sítio do Quebra-frasco (Claraemes)

Aos avós Teodoro e Carlota



No frasco de perfume
sobre a penteadeira de minha avó
a essência paira ainda

da alfazema passa
todo final de tarde
atrás do lóbulo da orelha
enquanto canta satisfeito o sabiá.

É pela lembrança feminina
de meu avô nunca deixando
a sua essência secar no frasco

que ela nunca termina.

19/03/2011

Família

(Marianí Guimarães)

Luiz e Ana



Hoje quero sonhar
Com o sorriso da minha mãe
Não quero lembrar sua dor

Hoje quero sonhar
Com um pai sem dualidade
Um pai sem mentiras

Hoje quero sonhar
Com nossos almoços de domingo
Nossos banhos de rio

Hoje quero sonhar
Quando éramos seis
Uma família perfeita

Minha mãe

(Maristela Fontes Figueiredo)

Ivanir Fontes



Amanhecia naquela quarta feira típica de Primavera, com os primeiros raios do sol surgindo por trás das montanhas. O ar ainda úmido da noite anunciava que o dia ia ser intenso e especialmente importante para aquela família de pai, mãe e 3 filhos que se preparavam para receber a mais nova integrante.

Era o ano 1932.

Das paredes da casa, exalava um cheiro da fumaça vinda do fogão à lenha que, desde as primeiras horas do dia estava à pleno vapor, assando saborosas bananas, esquentando numa chaleira a água que seria usada no café da manhã enquanto numa panela um pouco maior, a água aquecida que seria usada em breve, assim que as fortes dores rompessem a passagem para a nova vida.

Aos poucos a cidade ia acordando, pessoas circulando à caminho dos seus afazeres enquanto a família se preparava para o dia que estava por vir. O pai, homem rude que estava acostumado a arar a terra, achou que não poderia ajudar em nada naquela hora por ser uma tarefa designada para uma mulher e assim, saiu para a lida enquanto a mulher, ah a mulher! O suor a lhe escorrer no rosto, via as horas se adiantando no relógio preso à parede encardida da sala, sismando em badalar o tempo. Lá pela hora antes do almoço, chegou a parteira. A mesma das outras horas. Com a tranquilidade que lhe era própria, afinal esta era a sua mais sagrada missão nesse mundo, iniciou o trabalho de trazer à luz quem estava pedindo passagem. Mais um pouco de tempo e as tramas se ajustando nas veias da vida e eis que chega ela. Tão pequena, sensível e indefesa, mas tão forte e plena de coragem. Chega, mas não chega sozinha. Carrega com ela, em seu coração e na sua alma valente, sua mais nobre missão!

Seus filhos!

Quanto desprendimento!

Sim, ela sabia que não seria fácil, não seria simples, mas ela se dispôs a não vir sozinha.

Sete.

Um número místico, representativo, espiritualizado e cheios de significados.

Sete dias da semana.

Sete cores do arco iris.

.."e no sétimo dia Deus descansou!"

Sete!

Ela não sabia o significado. Não tinha nenhuma receita de como fazer. Era desprovida de bens, desprovida de conhecimento acadêmico. Era provida apenas de um sentimento chamado AMOR. E foi isso o que ela fez. Se revestiu de AMOR e doou sua vida em outras vidas.

Pedra bruta, preciosa. A vida foi seu esmeriu.

O que ela doou, hoje recebe em amor, respeito e admiração dos filhos, mesmo não estando mais fisicamente entre eles.

Sua obra não acabou e nem vai acabar. Hoje, 26 de outubro de 2020, seu aniversário. Hoje a abraçamos, como ela abraçou a cada um, naquele tempo distante, há 88 anos atrás, quando os primeiros raios de sol surgiam por trás da montanha, numa manhã umida e fresca de Primavera, numa cidade chamada Conceição de Macabu.

Lejbus e Berta Kligerman

(Roseana Murray)



Meus pais estão guardados numa foto gasta pelo tempo, numa moldura de madreperla.

Estão jovens e belos neste momento tão longínquo.

Meu pai gostava de música clássica, de ler autores russos, de jogar cartas com os amigos, de contar piadas em ídishe. Não gostava de falar do seu passado na Polônia.

Minha mãe gostava de inventar roupas e jardins, de caminhar, de ir ao cinema.

Meu pai adorava comer, já que havia passado fome na Europa.

Minha mãe nem gostava de cozinhar nem de comer.

Meu pai tinha crises de silêncio e melancolia.

Minha mãe tinha crises de alegria.

Os dois gostavam de viajar.

Minha mãe adorava festas, adorava dançar e receber muita gente na casa. Meu pai, mais ou menos. E não sabia dançar.

E assim, entre o sim e o não, viveram uma longa vida juntos.

Minha mãe me deixou de herança muitas coisas preciosas. A sua coragem, a sua arte, o seu desejo de aventuras.

Meu pai me deixou a sua imensa humanidade e seu desejo ardente de justiça.

Todos os dias olho para a foto e suspiro de saudades.

PARTICIPAÇÕES

Anabelle Loivos, Ana Paula Maciel Vilela, Andressa Barroso, Angela Quintieri, Antônio Francisco Alves Neto, Celina Rozenblum Lefelman, Cristiano Mota Mendes, Evelyn Kligerman, Fernando Queiroz, Jiddu Saldanha, Claraemes, Marianí Guimarães, Maristela Fontes Figueiredo, Roseana Murray

"Cesta de memórias" - Clube de leitura da CASA AMARELA - 2021



Projeto Gráfico
Jiddu Saldanha

